

Boletim de
Extensão

78

Edição Especial

Concurso Literário

Sala Mendeleev

Departamento de Química

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

Universidade Federal de Viçosa

Viçosa – MG
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE VIÇOSA

Reitor,
Demétrius David da Silva

Vice-Reitora,
Rejane Nascentes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura
José Ambrósio Ferreira Neto

Assessora Especial da Divisão de Extensão
Fabiana Cristina Silveira Alves de Melo

Chefe da Divisão de Extensão
Frederico Gonçalves de Castro Cabral

Área de Difusão e Tecnologia
Lufan Gomes Barros

Revisão Textual
Nelson Coeli

Projeto gráfico e diagramação
Carlos Joaquim Einloff
Editora Asa Pequena

C744

2020

Ficha catalográfica elaborada pela Seção de Catalogação e Classificação da Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa

Concurso Iteerário Sala Mendeleev / Marcelo Ribeiro Leite de 2020 Oliveira ... [et al.] organizadores - Viçosa, MG : Universidade

64 p. : il. (algumas color.) ; 21 cm. -- (Boletim de Extensão, ISSN 1415-692X, n. 78)
Federal de Viçosa, Divisão Gráfica Universitária, 2020.

1. Poesia brasileira. 2. Contos brasileiros. 3. Crônicas brasileiras. 4. Química. I. Oliveira, Marcelo Ribeiro Leite de, 1960. II. Rubinger, Mayura Marques Magalhães, 1965. III. Borges, Emilio, 1978-. IV. Sousa, Emerich Michel de, 1968-. V. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Química. VI. Série. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Divisão de Extensão. VI. Universidade Federal de Viçosa.

CDD 22. ed. B865.8

Biblioteca responsável Bruna Silva - CRB6 2552

sumário

A Sala Mendeleev 9

PRIMERIO CONCURSO LITERÁRIO SALA MENDELEEV

Filho de um argônio 11

Clara Suprani Marques

Doutoranda em Ciência e Tecnologia de Alimentos

Primeiro Lugar

Odisséia em 3 atos 20

Neide Paloma Gonçalves Lopes

Doutoranda em Agroquímica

Segundo Lugar

Assimilação 24

Pietra Riguette Reis

Graduanda em Nutrição

Terceiro Lugar

SEGUNDO CONCURSO LITERÁRIO SALA MENDELEEV

Tem carbono no meu telhado.....30

Heloisa Cruz Carvalho

Estudante do Coluni

Primeiro Lugar - Categoria Ensino Médio

Manual de sobrevivência para molibdênios.....32

Amanda Lara Santos

Estudante do Coluni

Segundo Lugar - Categoria Ensino Médio

Carbon consumatum.....34

João Marcos Pinheiro Barros Pereira

Estudante do Coluni

Terceiro Lugar - Categoria Ensino Médio

O amor é fluido.....36

Rafaela Libanio de Oliveira e Souza

Estudante da Cedef

Menção honrosa - Categoria Ensino Médio

O ser e corpo no espaço38

Ana de Oliveira Lobato

Estudante da Cedef

Menção honrosa - Categoria Ensino Médio

Curtos infinitos38

Luciana Coelho Marques

Estudante do Coluni

Menção honrosa - Categoria Ensino Médio

Coração nobre48

Júlia Mayrink Ferreira

Graduanda em Bioquímica

Primeiro Lugar - Categoria Ensino Superior

As estrelas e os elementos: sobre laços e nós no universo52

Marriete Gonçalves Simões

Mestranda em Química (PROFQUI)

Segundo Lugar - Categoria Ensino Superior

Uma noite de estudos.....56

Lucas de Melo Pacheco

Graduando em Direito

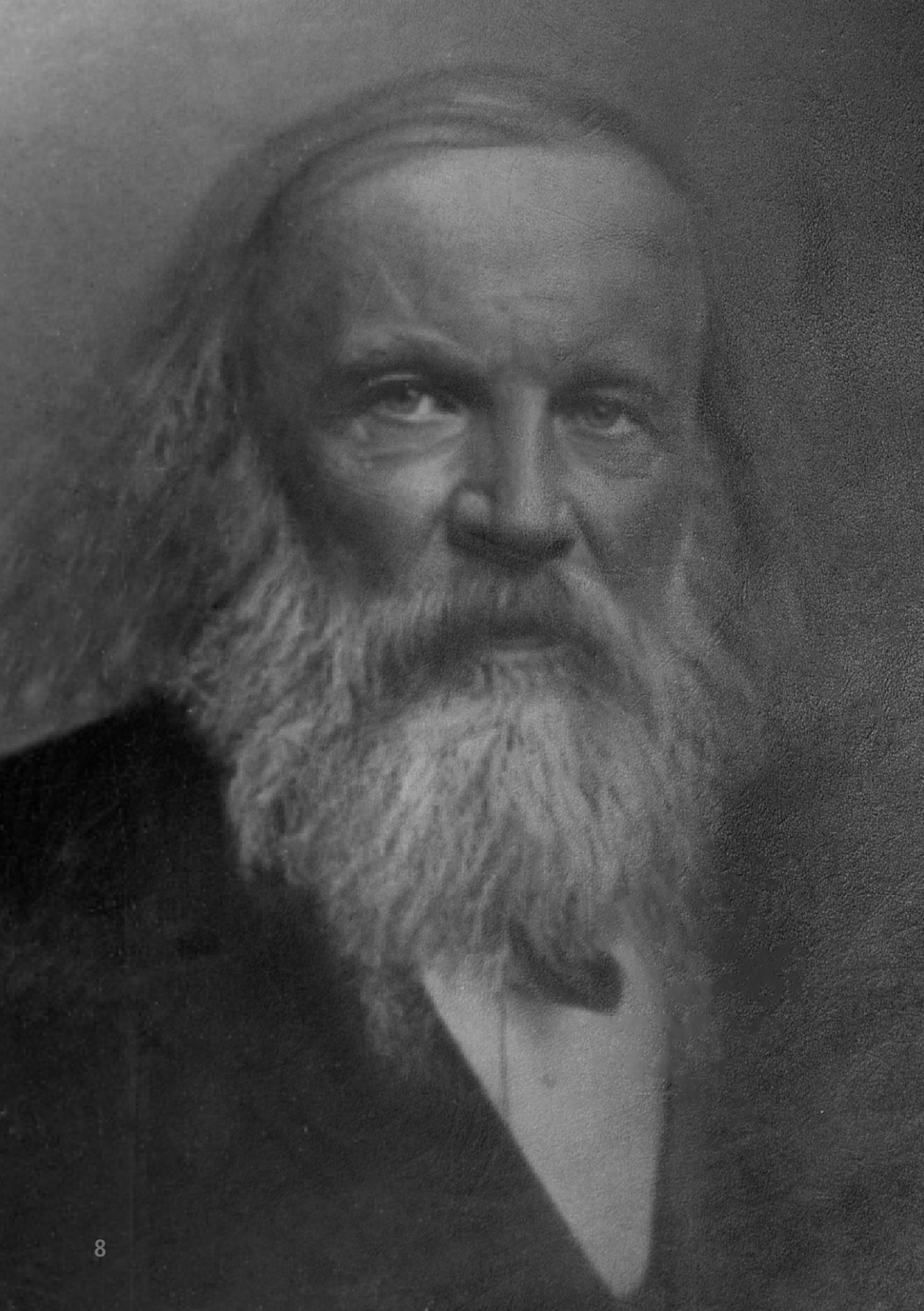
Terceiro Lugar - Categoria Ensino Superior

Brumado por outros62

Hiago Fernandes de Souza

Graduando em Engenharia Ambiental

Menção Honrosa - Categoria Ensino Superior



A Sala Mendeleev é um espaço do Departamento de Química vinculado à Secretaria de Museus e Espaços de Ciência da UFV (SEMEC) que atua na divulgação e popularização da ciência. Cerca de 2.500 pessoas por ano a visitaram entre 2010 e 2019.

O ano de 2019 foi declarado pela UNESCO o Ano Internacional da Tabela Periódica, em homenagem aos 150 anos da tabela proposta pelo cientista russo D. I. Mendeleev. Numa rara iniciativa de unir química e literatura, a Sala Mendeleev promoveu, naquele ano, o Primeiro Concurso Literário Sala Mendeleev, com o tema: elementos químicos. Os estudantes da UFV aceitaram o desafio. Foram dezenas de inscritos. Todos os Centros de Ciência do campus de Viçosa estiveram representados.

Acesse
nosso perfil
no Facebook



Devido a esse sucesso e também para comemorar os 10 anos da Sala Mendeleev, a segunda edição do concurso literário, em 2020, teve uma expressiva ampliação do número de inscritos, abrangendo o ensino superior, a pós-graduação e o ensino médio dos campi de Viçosa e Florestal.

Em 2019, os textos foram avaliados pelos professores Emílio Borges, Marcelo Ribeiro Leite de Oliveira e Mayura Marques Magalhães Rubinger e, por ocasião do segundo concurso, também pelo professor Emerich Michel de Sousa. Segundo a comissão julgadora, o tema despertou o interesse e a criatividade de pessoas ligadas às mais diversas áreas do conhecimento humano, as quais contribuíram com textos inteligentes e emocionantes, demonstrando essa desejada troca de experiências, que é um dos principais objetivos da Universidade.

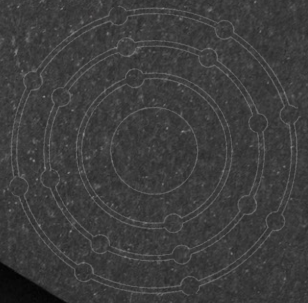
É preciso ressaltar o apoio oferecido para a realização desses concursos pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC). A Sala Mendeleev e o Departamento de Química da UFV agradecem a todos os participantes das duas edições e à PEC, que, com a edição deste Boletim contendo os textos vencedores dos dois concursos, divulga o trabalho criativo dos estudantes da UFV e fornece mais uma oportunidade de a Sala Mendeleev cumprir seu principal objetivo: divulgar a ciência.

Marcelo Ribeiro Leite de Oliveira
COORDENADOR DA SALA MENDELEEV

Mayura Marques Magalhães Rubinger
CHEFE DO DEPARTAMENTO DE QUÍMICA DA UFV

PRIMEIRO
CONCURSO
LITERÁRIO

Sala
Mendeleev



Filho de um argônio!

Clara Suprani Marques

Doutoranda em Ciência e Tecnologia de Alimentos

Primeiro lugar
Primeiro Concurso
Literário Sala Mendeleev


Jorge e Natália se conheceram em uma festa da universidade. Ele andava distraído pela multidão concentrada na frente do palco, onde um grupo de pagode tocava, o corpo cansado naquele início de madrugada e a mente já enevoada pelo excesso de bebida alcoólica, quando, de repente, esbarrou em alguém. Esbarrou nela. Natália.

E ela – as sobrancelhas franzidas, a boca contorcida num esgar de súbita fúria e o braço encharcado de cerveja, o líquido dourado escorrendo da mão ao cotovelo e pingando no chão – xingou-o de dezenas de nomes horríveis que deixaram o calouro com os olhos pra lá de arregalados e a ponta das orelhas muito, muito vermelhas. Ele se desculpou o melhor que pôde e até se ofereceu para pagar uma cerveja para a moça, em uma tentativa de compensar a que tinha derubado, e ela, após um suspiro longo e impaciente, aceitou a oferta. Quinze minutos depois, estavam aos beijos atrás do palco. Quatro meses depois, assumiram o namoro. Sete anos

mais tarde, trocaram alianças e votos de amor. E, dois anos após o casamento, tiveram Arthur.

Natália não tinha a melhor memória do mundo – ela reconhecia isso, principalmente depois de ter esquecido o próprio aniversário por dois anos seguidos –, mas se lembrava bem de quando seu caminho se cruzara com o de Jorge. Lembrava-se muito bem de cada detalhe daquele dia, daquela madrugada, daquela festa que fora muito divertida, embora um pouco esquisita e um pouco caótica também, assim como se lembrava de cada palavra que proferira contra o rapaz com quem viria a se casar. E talvez por se lembrar tão bem desses detalhes, talvez por ter se permitido acreditar na ideia de que Jorge se apaixonara por ela apesar da série de obscenidades que a moça lhe dirigira quando se conheceram, talvez por cultivar o pensamento de que ele parecia aceitá-la do jeitinho que ela era – toda desbocada e pavio curto –, talvez por tudo isso ela não estivesse lidando bem com a ideia de que, após tantos anos juntos, ele, de repente, a pedira para mudar.

— Acredita, Mi? — perguntou ela a Milena, sua sócia e amiga desde os tempos da universidade. — Ele disse que eu xingo muito, que



preciso me controlar — fez um movimento exagerado com os braços, bufou de levinho e revirou os olhos. — Ele me conheceu assim! Sabia muito bem onde estava se metendo desde o dia um.

— Não acha que está exagerando um pouco? Do jeito como está falando, parece que é um bicho de sete cabeças, quando, na verdade, não é nada de mais — Milena disse de forma mansa, a voz tranquila e o semblante pacífico, destoando da agitação que transbordava da amiga.

Contudo, se Natália ouviu o que a outra disse, ignorou por completo, pois logo tornou a se manifestar, quase atropelando a fala de Milena:

— É por causa do Arthur — seus olhos estavam ligeiramente arregalados. — *Eu li uma postagem nesse blog sobre bebês, Nat* — falou de forma desdenhosa, a voz propositalmente afinada ao arremedar o marido. — *Eles absorvem tudo o que se passa ao redor. Se continuar xingando assim, o nosso filho vai crescer um degenerado.*

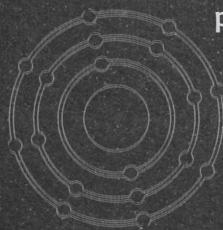
Cobrindo a boca com a mão, Milena disfarçou uma risadinha e assentiu vigorosamente quando Natália a encarou,

como se mostrasse à amiga que podia prosseguir com as reclamações e que a escutava com atenção.

— É tudo o que ele faz atualmente, sabe?
— continuou Natália.
— Ler esses *blogs* infernais.

— Acho que o Jorge só está curtindo a paternidade — argumentou Milena com uma tranquilidade inabalável. — E quer fazer o melhor possível para o Arthur crescer num ambiente saudável. Você não vai gostar do que vou dizer, mas eu concordo com ele nesse ponto — fez uma pausa ao ver Natália franzir o cenho e lhe lançar um olhar gélido e, sem se importar muito com a carranca que a fitava, prosseguiu: — Se eu tivesse um filho, também não iria gostar de ver o André xingando perto dele.

— Obrigada por não ficar do meu lado, traidora — murmu-



rou a outra, cheia de ressentimento.

— Não fique assim. No fundo, no fundo, sabe que o Jorge está certo.

Sim, Natália sabia. Claro que sabia. Só estava tendo uma dificuldade enorme em aceitar.

Ainda em negação, cruzou e descruzou os braços, andou de um lado a outro pelo pequeno escritório que dividia com a sócia, xingou uns dois ou três palavrões e, por fim, confessou:

— Eu fui desbocada minha vida toda. Não sei como, de repente, deixar de ser.

Milena riu alto.

— Minha vizinha tem um cofrinho em casa. Ela coloca uma moeda nele sempre que xinga na frente do filho. Poderia fazer isso também, Nat. O que acha? — sugeriu, mas Natália reprovou a sugestão murmurando algo como “cofrinhos estão fora de questão, trauma de infância”. Milena coçou o queixo e, de repente, teve outra ideia:

— E se você trocasse as palavras por outras? Tipo... — fez uma pausa, como se avaliando bem a ideia em mente. Mas, com as bochechas um pouco coradas, desistiu do pensamento. — Quer saber, deixa pra lá. É algo muito bobo.

Só que Natália era uma pessoa curiosa e começou a instigar a amiga.

— Ah, não! Agora você vai dizer — proferiu num tom de quem dava uma ordem. — Vamos!

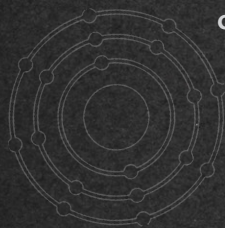
Um tanto quanto acanhada, Milena hesitou a princípio e, após muita insistência por parte de Natália, se rendeu e disse:

— Não ria de mim — pediu, embora ela mesma já se esforçasse para conter algumas risadinhas. — Eu era adolescente, e você sabe como os adolescentes são, não sabe? — viu Natália assentir e continuou: — Quando estava no ensino médio, tinha um grupo de meninas de quem não gostava muito e, como eu era muito *nerd*, eu e meus amigos, que também eram um bando de *nerds*, resolvemos apelidá-las em segredo de nomes esquisitos de elementos da tabela periódica. Dessa forma, podíamos falar mal delas



sem que soubessem. Daí, pensei que você poderia adaptar a ideia, sabe? Talvez, ao invés de falar um palavrão, poderia trocá-lo por um nome estranho de algum elemento da tabela. Mas agora, pensando melhor, acho que não daria muito certo. É uma ideia meio ridícula, não é?

Ela riu, as bochechas vermelhas de vergonha, e, ao seu lado, Natália abriu um sorriso amarelo, comentou algo como “sim, ridícula” e, bem despreziosamente, pegou o celular. Fingindo olhar alguma rede social, abriu o navegador e digitou o termo tabela periódica. Tinha a vaga lembrança de que, em algum momento da sua vida, ouvira falar sobre aquilo, mas não conseguia se lembrar direito. Ainda com um sorriso fraco estampado no rosto, viu surgir na tela o resultado da busca e arregalou os olhos ao se deparar com inúmeros quadradinhos coloridos e os nomes exóticos de vários elementos químicos. Com a memória reacendida, gargalhou com gosto.



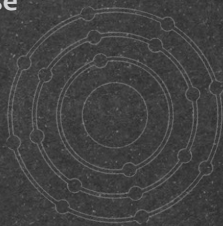
— Meu Deus! — exclamou ela, escandalosa. — Você era mesmo muito nerd! Não acredito

nisso, Mi. Acho que foi a coisa mais ridícula que já ouvi!

— Para! — pediu a outra, um pouco ofendida, mas muito bem-humorada. — Ridículo é você tendo que olhar na internet o que é tabela periódica — comentou e riu alto quando a amiga, além de tentar esconder o celular, rebateu a provocação com “dá um desconto, eu sou de humanas”, o que fez Milena revirar os olhos, encará-la com um misto de reprovação e descrença, e a contrariar de imediato, porque, pelo amor de Deus, aquilo não era desculpa. Elas tinham feito o mesmo curso.

Já era tarde da noite quando Arthur, que passara o dia todo resmungando de cólica, adormeceu nos braços da mãe. Cansada, tanto pelo dia corrido e agitado quanto por ter passado quase quarenta minutos andando pelo apartamento com um bebê chorão nos braços, Natália ajeitou o filho no berço com muito cuidado e se afastou devagar, um passo leve após o outro, para não

fazer barulho. Foi quando, de repente, virando-se para sair do quarto, bateu o cotovelo no batente da porta e, sem querer, deixou escapar um palavrão. Dando-se conta do que havia falado, fez uma careta e repreendeu-se em pensamentos, rezando para não ter sido ouvida por Jorge.



Suas preces, contudo, não foram atendidas, porque ele a ouviu sim, e muito bem.

— Sério, Natália? No quarto do bebê?

— Desculpa. Escapuliu sem querer — murmurou ela, aborrecida consigo mesma pelo deslize e com o marido por repreendê-la.

Mas Jorge não pareceu aceitar as desculpas e continuou falando:

— Eu já te disse que isso não faz bem para o Arthur. Ele absorve essas palavras, sabia? Ainda mais quando está dormindo. Eu vi

uma reportagem esses dias sobre como as crianças absorvem o que falamos pra elas no momento do sono. Fica tudo ali, preso no subconsciente delas.

Ela suspirou fundo e pinçou a curvinha do nariz. Não conseguia acreditar que estava levando um sermão do marido por não ser uma boa influência para o subconsciente do filho.

— E eu já pedi desculpas — disse, a voz carregada de uma irritação contida. Passou pelo marido no corredor e entrou no quarto do casal. — Vamos deixar isso pra lá, está bem?

Atrás dela, Jorge continuava de cara fechada e não parecia nem um pouco a fim de dar o assunto por encerrado.

— Já perdi as contas de quantas vezes pedi para você parar com esse hábito horrível — insistiu ele, nervoso e cansado ao mesmo tempo. — E você parece nem me escutar direito. Às vezes, acho que só eu estou me esforçando para fazer essa família dar certo.

A acusação a fez parar de súbito e fitar o esposo bem nos olhos. A frase provocou coisas horríveis: fúria, tristeza, desgosto, traição,

decepção, tudo isso misturado e macerado e compactado e pronto para explodir. E foi tudo isso mesmo que ficou estampado em seu rosto – porque Natália sempre fora um livro aberto, e Jorge, ao se dar conta do que falara e da dor que transbordava dos olhos dela, empalideceu e murchou.

— Desculpa — murmurou ele e deu um passo em direção à esposa, mas ela apenas ergueu uma mão no ar, num pedido silencioso para ele não se aproximar mais. Ele engoliu em seco e lhe obedeceu. — Nat, desculpa. Eu não devia ter falado isso.

— Mas falou — respondeu ela, a voz subitamente seca e ríspida. Pegou o travesseiro e caminhou até a porta do quarto. — Como é só você que está se esforçando para essa família dar certo, nada mais justo do que ter a cama todinha para você. Vou dormir na sala.

Jorge tentou dissuadi-la, pediu desculpas mais uma dezena de vezes, mas a mulher não voltou atrás em sua decisão. Quando ele, por fim, desistiu de convencê-la a dormir no quarto, Natália sentou no sofá e, ao sentir uma ardência indesejada nos olhos, ligou o

notebook para se distrair um pouco.

“Não iria chorar por causa do idiota do marido”, pensou enquanto fungava e esfregava a mão no rosto, e acessou um jornal qualquer a fim de espiarescer, o que provou ser uma péssima ideia. Nem cinco minutos depois, sentia-se mil vezes pior, as notícias do dia a fazendo se questionar sobre o que diabos estava acontecendo com o mundo. Por um instante, cogitou desligar o *notebook* e dormir, mas logo mudou de ideia. Abriu o navegador, hesitou por um minuto ou dois e, após rir fraquinho de si mesma e do quão patética se sentia, digitou “tabela periódica” na barra de busca. Clicou no primeiro resultado e correu os olhos pela tela, lendo com atenção os nomes dos elementos químicos agrupados naquela tabela, que para ela não fazia muito sentido. Alguns nomes eram familiares, e a esses ela não deu muita atenção. Mas outros, outros sim eram estranhos e até surreais demais para serem verdadeiros, e foi nesses que ela se concentrou,

anotando o nome de cada um em um pedaço de papel.

Em certo momento, sentiu o sono chegar com tudo e desligou o notebook. Leu e releu as anotações que fizera e, questionando a sua sanidade mental, amassou o papel e o jogou no chão.

Dormiu ali mesmo, no sofá da sala, mas acordou no quarto. Levantou-se devagar e, ao sentir o aroma agradável de café, caminhou até a cozinha.

Viu Jorge recostado na pia, esfregando uma mão nas costas enquanto murmurava alguma coisa sobre coluna e hérnia de disco, e, aproximando-se sorratamente do esposo, abraçou-o pelas costas. E, simples assim, os dois se entenderam.

Alguns dias depois, Natália estava recolhendo alguns brinquedos de Arthur que estavam espalhados pela casa quando bateu a cabeça na estante. Deu um gritinho de dor e, furiosa, vociferou:

— Filho de... — e então, fez uma pausa. Não soube explicar ao

certo o que aconteceu ali, naquele momento, só soube que aquela era a sua chance e que precisava muito, muito substituir a palavra que estava prestes a dizer por outra. Pensou e pensou e, de súbito, exclamou: — um argônio!

— Você está bem? Não bateu a cabeça com muita força, bateu?

Ouviu a voz de Jorge e viu que o esposo a fitava, preocupado e com um pouco de estranheza, mas Natália, sentindo-se como um general que retorna vitorioso de uma guerra, apenas sorriu e disse:

— Não. Quer dizer, sim! Sim, eu estou bem! Na verdade, estou ótima.

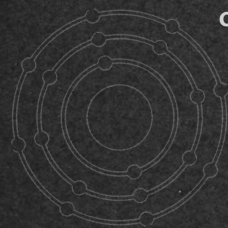
Depois disso, foi quase que assustadora a naturalidade que Natália encontrou para substituir os xingamentos por nomes de elementos químicos. No trânsito, quando um carro a fechava, ela simplesmente gritava: “vá para o disprósio que te pariu!”. Em casa, quando tropeçava em algum brinquedo ou batia o pé ou o cotovelo em um móvel, rosnava: “mas que rutênio!”. Certa vez, no escritório, a impressora parou de funcionar justamente quando ela estava com pressa para imprimir

um documento, o que fez Natália socar a mesa e deixar escapar um: “filho de um escândio”.

Em determinada ocasião, quando Arthur já tinha lá seus sete anos de idade, Natália gritou um “que vanádio é esse?”

ao receber uma conta de energia elétrica com quase o dobro do valor que estava acostumada a pagar. O menino, com os olhos arregalados, perguntou à mãe o que era um vanádio e ela lhe respondeu com um impaciente “procura na internet”. E ele foi procurar mesmo, porque Arthur era um menino curioso e gostava de conhecer as palavras. Assim como também foi procurar por molibdênio após ouvir a mãe gritar com um outro motorista no trânsito, e por promécio logo depois de tê-la escutado brigando com alguém pelo telefone, e por outros e

outros nomes esquisitos que a mãe bradava aqui e acolá de vez em sempre.



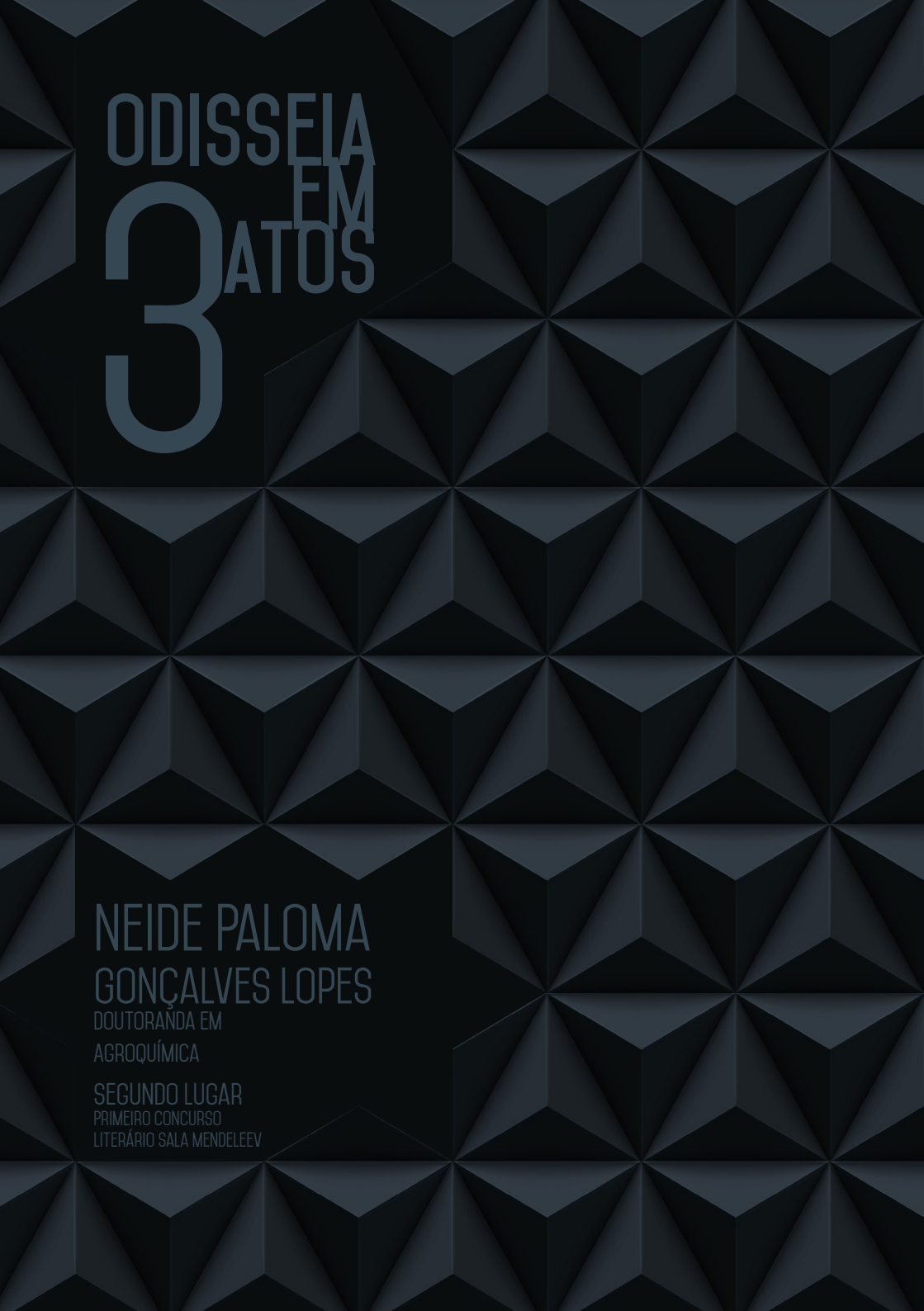
E talvez por isso que, anos depois, ela não deveria se sentir surpresa quando Arthur revelou aos pais que queria fazer Química. Muito menos quando, anos mais tarde, Jorge – os olhos embotados e a voz

embargada de felicidade e orgulho – disse, cheio de afeto, assim que viram o filho cruzar o palanque e receber o canudo de formatura das mãos do reitor da universidade:

— Isso foi culpa sua. Eu avisei que essas palavras ficam no subconsciente das crianças.

Ele a enlaçou pela cintura e beijou o topo de sua cabeça, e ela sorriu amplamente quando o filho se voltou para a multidão e ergueu o canudo, comemorando.

Essa era uma culpa que ela carregaria com prazer.



ODISSEIA
EM
3 ATOS

NEIDE PALOMA
GONÇALVES LOPES

DOCTORANDA EM
AGROQUÍMICA

SEGUNDO LUGAR
PRIMEIRO CONCURSO
LITERÁRIO SALA MENDELEEV

Ato I

"Elementar, meu caro Watson!"

No glorioso alvorecer dos elementos químicos
A natureza se regozijava em tijolos arquétipos
Blocos de construção que desafiam céticos
Provando sua existência pelos raios cósmicos

Em polvorosa vem a celestial astrofísica
Prover os alicerces de uma maquete sólida
O elétron e sua elementaridade (?) esdrúxula
E prótons e nêutrons para quarks edículas

Eis que explica o Big Bang em nucleossíntese
Tal como o ilustre nascimento de um príncipe
Fez o hidrogênio combustível da máquina
E seus amigos mais leves para abrir a fábrica

Os mais pesados vieram da fusão, fissão ou fascínio
Tendo o útero das estrelas por domínio
Para além do ferro, a supernova em seu espetáculo
Pintando o universo feito obra-prima em uma abóboda

Com o palco montado e a criatura em seu púlpito
Descobre-se também como criador de súbito
E quer saber de onde vem o filho pródigo
E refletiu-se nas luzes que observou em trânsito

Dos estudos de fenômenos ópticos de um bávaro
Fraunhofer ao observar seu prisma poético
Vendo a luz branca que se dilacera em ângulo
Para desdobrar-se em um arco-íris sintético

Traz fundamentos à espectral análise
Inspirando estudos ainda mais ecléticos
Sendo Kirchhoff a acender a (chama) lâmpada
E assim esclarecer todo o mistério

Hoje, a humanidade em seu acelerador de partículas
Por colisões gera elementos artificiais como mágicas
E a tabela de Mendeleev com seus 150 anos, metódica
Já apresenta 118 elementos em suas linhas periódicas

Ato II

"À la Frankenstein"

Vejam o trabalho do pai da Tabela Periódica
Mendeleev e sua grande contribuição à química
Tal como os esforços do doutor Frankenstein
Pedaço por pedaço em sua criação magnífica

Propriedades periódicas relacionou em seu protótipo
E novos elementos ele conjecturou, profético
Um monstrinho para os mais polêmicos
Uma noite estrelada para os revolucionários

Dentre esses últimos, outro acadêmico
Moseley trouxe à tona o número atômico
A periodicidade não seguia a massa íntima
Então deu-se lugar ao Z de forma legítima

E um quebra-cabeça se tornou, fantástico
E para orná-lo formaram-se então famílias
Não é de se espantar possuírem um quê de cínicas
Visto que o hidrogênio foi menosprezado, estático

Os brilhantes metais diversificadíssimos
Da paixão pela água e pelo ar nascem os álcalis
E das entranhas da terra podem vir, amaríssimos
Os alcalinos e alcalinoterrosos reativíssimos

É interna ou externa a transição, dos intermediários
Mais durões que os dois vizinhos alcalinos, fantásticos
Os da externa e sua variedade de coloridos complexos
Os internos com suas terras raras e a radioatividade
Nem tudo se aplica a todos na plural família
E sempre haverá rebeldes sejam eles com ou sem causa

E na outra face da moeda existem os não metálicos
Amantes de elétrons e não conduzem corrente elétrica
Sem brilho metálico e não são maleáveis nem dúcteis
E contra os cátions são argumentos de ânions

A elite dos gases nobres em sua plêiade
Não se misturam nem com os mais próximos
Exibem seus oito elétrons de valência
Com exceção do hélio e seu par solitário

Ato III

"Encontro marcado"

Se ainda não ficou clara a importância
O Sol é praticamente formado de Hidrogênio e Hélio
É ele que possibilita a vida e suas intempéries
Tais elementos são os maiores em abundância

Os mais escassos na natureza são o Astatina e o Frâncio
O Frâncio que por si só é uma poesia com sua vida efêmera
Tão curta que pode durar menos que um pesadelo de angústia
Ou talvez um pouco mais que um sonho de um ato histórico

A radioatividade de Curie assim como o Rádium e o Polônio
E como um rio quiescente é a liquidez do Mercúrio
Quisera nossos corações terem a força dos ímãs de Neodímio
Seriam de prata os espelhos de Vênus adornados em Cobre?

O que seria do mundo recarregável sem as baterias de Lítio?
Ou dos girassóis de Van Gogh sem o amarelo do Cádmio?
Sentiria saudade do amarelo do Sódio ou do verde do Bário?
Ou o laranja do Cálcio e o vermelho do Estrôncio?
Do branco ou prata do Titânio, Alumínio e Magnésio?
Talvez do azul do Cobre ao ver os fogos de artifício

E para as coisas desagradáveis quisera ser como Tântalo
Não se deixar afetar nem pelas situações mais árduas
Construir importantes legados de robustez titânica
Deixar ao mundo o que tomamos de empréstimo

O Carbono está em toda e qualquer circunstância
É o artista formador de nossa matéria orgânica
E seu grafite usamos para riscar nossas mágoas
Por seus diamantes deliram multidões em êxtase

Imagina teus dentes e ossos se lhes faltasse Cálcio
Magnésio e Molibdênio do ponto de vista enzimático
Sente o gosto do Ferro que flui em teu sangue rúbeo
Pensariam seus pulmões que o Oxigênio é desnecessário?
Vê então do que somos feitos e, assim, não somos, estamos átomos



Pietra Riguette Reis

GRADUANDA EM NUTRIÇÃO

**TERCEIRO LUGAR
PRIMEIRO CONCURSO
LITERÁRIO SALA MENDELEEV**

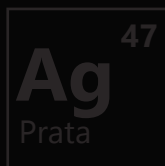


Hélio disse que eu seria **Escândio**. Bem ali, no meio da sala, no meio da manhã. Tantos outros elementos no mundo e agora eu era esse de nome estranho e de uma constituição que ninguém conhecia – foi aí que disseram combinar comigo. Estranha

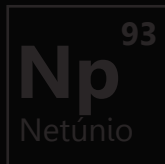
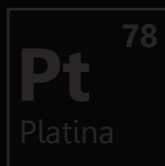


Escândia, Escândia Elena, Elena, a estranha. Não tardou muito para que eu notas-se que estes seriam alguns dos meus novos apelidos, enquanto **Hélio** não notou nada: continuou com a atividade como se nada estivesse acontecendo, porque, para ele, não estava.

Para mim as coisas aconteciam há uns meses, e eu me questionava se alguém percebia que eram muitas coisas para só uma pessoa lidar. Sozinha. Escondida. Agora sob o **Escândio**. Eram muitos apelidos diferentes, muitos olhares que eu não entendia bem (mas sentia que me faziam mal), muitos empurrões “sem querer” e muitos outros tantos que não valem a pena mencionar, mas doíam de um jeito que eu nunca havia sentido antes. Toda essa rotina maçante resultava em uma sensação estranha de aperto no peito que, vez ou outra, me fazia chorar. E, enquanto eu pensava e pensava, mais uma vez escondida no banheiro do colégio, me questionava por que o sorteio não me deu a **Prata** como elemento de pesquisa. Eu poderia ser outra se fosse **Prata**. Meus colegas poderiam me ver brilhante e cristalina, e faria mais sentido eu ser tão pouco reativa. Se eu fosse a **Prata**, por alguns dias, talvez eu seria também mais nobre.



Mas eu poderia ser tantos outros... quão legal seria se eu fosse **Platina**? Talvez até melhor que a **Prata**. Mas não, a Patrícia saiu com a Prata e, quanto à **Platina**, não descobri quem foi ainda, mas é uma pessoa de sorte: se o alto potencial redutivo da **Platina** fosse compatível com quem sou, talvez fosse mais difícil me fazer chorar, porque aí, nesse mundo utópico, minha forma própria de oxidação seria mais rara. Acabei de me lembrar que Vítor saiu com o **Netúnio** e ficou confuso por pensar que o professor havia errado e escrito nome de planetas, o que foi engraçado na hora.

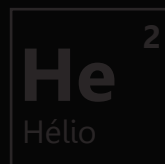


Mas também deve ser legal ter o **Netúnio** como o elemento sorteado, afinal, eu sei que é um dos elementos mais pesados da tabela periódica e, sendo assim, provavelmente seria aquela pessoa que aguenta a densa descarga/carga do mundo. Esse não é o Vítor, que reina pela sala com sua personalidade extravagante, seus olhos verdes enxergando suas novas presas e seus lábios corados pronunciando galanteios para todas as garotas que

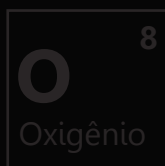
passam pelos corredores – todas, exceto eu. Algo que não me incomoda, porque gosto do Tiago. Porque ele sorri para mim toda manhã e por uns segundos me faz esquecer que a gente precisa respirar para oxigenar. É o dono do sorriso de canto de boca mais bonito que eu já vi, e a única coisa boa de hoje foi que eu vi vários enquanto Tiago refletia intrigado sobre o que era o **Moscóvio**, elemento que ele havia tirado no sorteio.



Ninguém fazia ideia, mas riam sem parar da semelhança entre os nomes **Moscóvio** e Moscou, o que para mim não fazia sentido, já que **Hélio** lecionava química básica e não história ou geografia. Inclusive, ele parecia sempre achar válido ressaltar a enorme relevância da área de ciências da natureza em detrimento da área de humanas, mas essa era mais uma das muitas coisas com as quais eu não me importava, porque eu já tinha vivido o sorriso do Tiago. E não havia muito o que me afetasse depois disso.



As brincadeiras cessaram quando o sinal do intervalo tocou. Todos sempre saem correndo, os meninos com seus sanduíches e suas cartas de Yu-Gi-Oh nas mãos, e as meninas carregando seus sucos saudáveis e seus batons para retocar a cor dos lábios. Elas conversam sobre os novos lançamentos e texturas, e sobre o gosto que os meninos dizem que sentem quando as beijam, e é com base nisso que classificam um batom como bom ou ruim. Eu sei, porque Joana me conta quando voltamos das aulas nas quintas-feiras e também nas sextas-feiras, que é quando ela vai para a casa do pai e tem que fazer um caminho contrário ao que faz quando vai para a casa da mãe. Mas a gente se encontra na esquina da rua do colégio, para que ninguém comece a importuná-la por ela caminhar comigo vez ou outra. E, mais uma vez, eu não me importo.

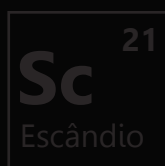


Aliás, Joana saiu com o elemento **Oxigênio**, o que eu achei engraçado, porque ela é a segunda coisa que me faz perder o ar às vezes – nesse caso, por tanto me fazer rir. E até que eu acho que combina com ela, já que ela é tão importante e essencial para mim, e também porque quando eu penso no ar e nos elementos que o constituem, faço conexões estranhas: logo já penso em vento, que me faz pensar em vida, e daí eu fico feliz. Joana é dessas meninas de cachos bagunçados e gestos impensados que não precisam de muito para existir – apenas é, sendo contente com o que tem. E isso é algo que me deixa feliz também.

Mas hoje ainda era terça-feira, e o relógio badalava lento enquanto os professores tentavam, inquietos, fazer com que os alunos se assentassem nos respectivos lu-

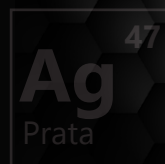
gares do mapa de sala milimetricamente calculado para evitar conversas paralelas. Eu nem me mexia do meu, exceto quando necessário – o que seria muito, já que agora eu era Escândia Elena, a garota do elemento químico que nem deveria constar na tabela. Seriam muitas as escapadas para lugares desconhecidos do colégio, tentando ocupar minha cabeça com os detalhes que se perdem pelos cantos quando não há ninguém para os ver.

Quando **Hélio** mencionou a atividade, desejei que fosse em dupla e sonhei em fazer com a Joana ou com o Tiago, porque ela é a pessoa que me faz sorrir para o mundo e ele é quem me faz sorrir por dentro, só de enxergar em mim um motivo para rir um riso que não é de deboche, como o dos outros. Mas meu infortúnio se manifestou cedo, pois não tardou para que **Hélio** esclarecesse as regras da atividade, que, na verdade, consistiam em apenas uma: descobrir (sozinhos) o máximo de informações possíveis sobre o elemento sorteado até a próxima aula, que seria no dia seguinte. E, apesar de meramente insatisfeita, foi o que eu fiz, pois antes de Escândia Elena já fui “Bajulelena” e, antes de bajuladora, eu era “Negra Elena”, a menina cotista e sem-renda – sim, muitos apelidos para apenas dois meses de convívio. Isso me feria, mas ao mesmo tempo não me incomodava, talvez porque, a essa altura, eu já estivesse calejada ou conformada. E também porque notei que, de um jeito cômico, todas essas insinuações involuntariamente voltavam meus olhos aos cadernos, já que, com minha mente focada em química ou aritmética, não havia muito espaço para pensamentos que não me levassem.

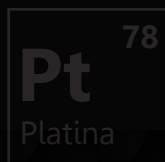


Com os elementos químicos eu viajava para longe, saltava entre as linhas e colunas das tabelas, e mergulhava nos elétricos e deliciosos pudins de passas feitos por Thomson. Depois de saltitar entre os níveis e descobrir as camadas mais externas de tantos elementos, retornava feliz e satisfeita para o meu mundo real, pronta para emitir para o mundo toda a energia leve que alguns

colegas tentavam me impedir de receber deles. E estava tudo bem porque, no final do dia, havia aprendido que o **Escândio** nem era um elemento tão estranho assim.



Para começar, não que fosse um critério, mas o **Escândio** também é **Prata** – exatamente como o elemento que Patrícia sorteou, e como a **Platina** que

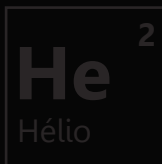


talvez nem tenha sido sorteada. É altamente reativo e sólido, e pensei que talvez eu pudesse tentar aderir à reatividade e solidez do meu elemento, reagindo de forma incisiva da próxima vez que usassem da criatividade de maneira pejorativa, com



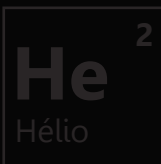
a intenção de me ferir. Entre várias outras informações, achei lindo descobrir que o **Escândio** é do grupo das terras raras, sendo mais abundante no Sol e outras estrelas do que no próprio planeta Terra. **Hélio** ainda não sabia, mas, de todo o conhecimento que me doava continuamente, agora ele acabara de me transmitir a sensação de encantamento – algo que até então só havia experienciado enxergando o Tiago.

Dormi feliz, sonhando com as estrelas, e acordei com uma irradiando meu rosto. Caminhei para a aula pensando no mundo de possibilidades que **Hélio** havia proporcionado com aquela simples atividade, já que eram tantos elementos químicos para serem sorteados entre tantos alunos, e desejei silenciosa que pelo menos alguns outros colegas tivessem feito a descoberta que fiz. Adentrei a sala de aula com ouvidos seletivamente surdos e olhos propositalmente cegos – só iria ouvir e enxergar as coisas que me acrescentassem, nada mais de me inferiorizar por características que não me cabem. Sorri para Joana, sem medo, e corei para Tiago quando ele sorriu para mim.



Assentei e abri o caderno, sedenta por descobrir mais elementos que não só se aplicavam a mim, como também se aplicavam à Patrícia, ao Vítor, à borboleta azul que vi pousar sobre a flor nessa manhã, e a tudo aquilo em que se consistia o mundo. Eu e todos os meus colegas tínhamos tudo ali, nas nossas mãos e sob nossos olhos, e **Hélio** havia nos dado tanto em tão pouco tempo, sem cobrar nada. Com certeza eram muitas informações ao mesmo tempo, e as conexões maravilhosas que meu cérebro criava me faziam sorrir de orelha a orelha, fascinada. Claro que não demorou muito para que outras pessoas além de mim notassem a taxada estranheza, mas, dessa vez, **Hélio** também a notou e me fitou por uns segundos, intrigado.

“Elena, a calada novata, sorrindo sozinha, sentada?”, eu podia ler sua curiosidade, e não tardou para que ele se aproximasse da minha mesa, observando atento o que meus olhos estavam vendo. No entanto, algumas coisas são invisíveis aos olhos, e suas dúvidas apenas aumentaram ao notar que Escândia Elena sorria quieta para os elementos químicos do caderno. Ele questionou qual era a graça, e eu lhe respondi que era a vida, com tudo aquilo que ela habitava e tudo no que se constituía. Ele, ainda com uma interrogação projetada na testa, voltou-se ao quadro negro para o ritual diário de cobrança dos deveres de casa e anunciou que iria falar números sortidos em sala, sendo que os responsáveis por cada número se pronunciariam a respeito do elemento obtido.



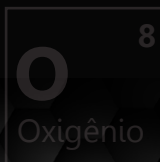
Vinte e um, ele disse, e eu me ergui da cadeira falando apressada todas as informações científicas importantes que ele tanto queria saber, porém, como se em um estalo, eu finalmente notei a semelhança entre **Hélio** e seu provável elemento, o **Hélio**: era nobre em muitos sentidos e, apesar de não notar as ocorrências que faziam comigo durante as aulas, sempre fora muito gentil e atencioso com minhas perguntas. Seus grandes olhos azuis sempre pareciam estar circulando entre nós, como se fossem mesmo constituídos de um gás incolor e inodoro. Eu apenas desejava, para mim mesma, que algum dia ele tivesse um comportamento mais sólido quanto às coisas que aconteciam na sala, mas ao mesmo tempo compreendia que só sob muita pressão tal estado poderia ser atingido. E eu não queria que **Hélio** sofresse de um aumento de pressão.

Após citar o estado físico, as utilidades, o número atômico, os elementos com os quais o **Escândio** reagia e tudo o mais que havia compreendido no dia anterior, deixei a sala completamente satisfeita com minha nova percepção



do professor **Hélio**, assim como do mundo. Não me importava mais em não irradiar um brilho prateado como a **Prata** da Patrícia ou que Tiago tivesse tirado um elemento artificial, porque de factício seu sorriso nada tinha. E, quanto ao meu elemento mais essencial, minha amiga **Oxigênio**, talvez fosse para sempre e curiosamente a segunda pessoa que me provocasse falta de ar – e eu me sentia tranquila quanto a isso também.

A água do bebedouro movia-se gelada sob meu corpo, ajudando a manter todos os elementos químicos que constituíam meu organismo, e o gás carbônico que emanava dos meus pulmões aquecia todos os muitos gases constituintes do local que eu habitava. E assim seguia esse lindo ciclo mutualístico sem fim, formado por tantas pessoas diferentemente iguais por serem compostas por tantos distintos elementos, e eu era uma massa integrante disso tudo. Tinha que fazer valer meus íons, expressando a reatividade na qual, a partir de agora, eu me mantinha.



TEM CARBONO NO MEU TELHADO

HELOISA CRUZ CARVALHO
ESTUDANTE DO COLÍNE

Primeiro Lugar
Categoria Ensino Médio

TEM CARBONO NO MEU TELHADO

Querido diário,

hoje está nevando

cada floco tem um tamanho diferente
uma forma distinta

eles caem em rodopios ou calmarias

tudo vindo do céu

uns ainda estão quentes
(cuidado!)

os pontos pretos estão presentes

todos em movimento.

Querido diário,
é julho e é inverno

os flocos não derretem,
mas somem, se esfarelado entre meus dedos
e marcando na pele sua presença

tudo se transforma

me questiono:

a água daqui já se foi,
mas ainda há o floco...

esquece, acabei de varrer o quintal.

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA PARA
Molibdênios

Molibdênio

42

Mo

95,95

Amanda Lara Santos

Estudante do COLUNI

Segundo Lugar — Categoria Ensino Médio

– E aí, você vai pra onde? – perguntou um Quark, na longa fila do Sistema de Transporte entre Átomos, tentando criar conversa.

– Tô indo pro Residencial Cloro – respondeu o outro.

– Nossa, pertinho do bairro nobre, hein?

– Pois é! Acabei de comprar um próton lá.

– Deve ter sido bem caro.

– Ah, sim, a localização é muito boa.

– Sei. Financiou com o pessoal da Ag?

– Não, não. Ando economizando desde quando morava em Molibdênio.

– Não diga! Se tudo der certo, me mudo pra Molibdênio hoje mesmo!

– Sério? Que coincidência.

– É mesmo.

– O lugar é um pouco apertado, sabe? 42 apartamentos... Mas acho que você vai gostar de lá.

– Espero que sim.

– O problema maior é que você tem que ficar esperto naquele lugar... Você já leu o manual?

– Que manual?

– O Manual de Sobrevivência para Molibdênios, ora! Tem umas dicas muito boas lá para quem está chegando no residencial.

– Não conheço, não, senhor.

– Não se preocupa, a maioria dos Centros Comerciais dos nêutrons vende.

– Entendi, vou dar uma olhada depois...

– Já te digo, vê se toma cuidado com aquele pessoal que vive no condomínio dos elétrons, eles estão sempre negativos demais.

– Fiquei sabendo. Nunca confiei nesse pessoal de elétron mesmo.

– Molibdênio é até que um lugar bom, se for pensar, sabe? Tenho um amigo que vive em Urânio. Lá é bem barra pesada.

– Nem me diga! Em Lítio é bem perigoso também, dizem que o pessoal de lá reage a praticamente qualquer coisa.

– Pior! Bom mesmo seria morar em Hélio, ter uma cobertura, só dois apartamentos, localização estável...

– Ah, bem que eu queria! Um terceiro Quark, interessado, entra na conversa.

– Com licença, não pude deixar de notar. Vocês estavam falando do Manual de Sobrevivência para Molibdênios?

– Sim, o melhor disponível, te digo. Usei por muito tempo – respondeu o segundo.

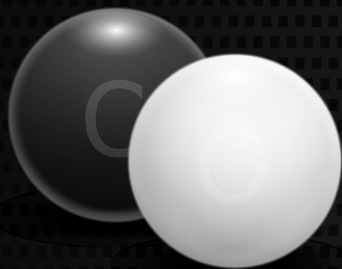
– Não concordo, não, não. – E, virando-se para o primeiro, diz: – Jovem, escuta aqui o meu conselho, o melhor manual é o Guia Definitivo dos Molibdênios, sim.

– Ah, não senhor. Nem tente vir com essa. O Manual de Sobrevivência é mais barato e mais completo. Sim, sim – replicou, novamente, o segundo.

– Como?! O Guia Definitivo é, com toda certeza, mais atual e relevante. Ah, se é!

A discussão prolongou-se por algum tempo. Cada um defendia seu manual de preferência. O primeiro, confuso, permaneceu quieto. Até que chega seu momento de ser atendido:

– Vou trocar meu destino. Me dê uma passagem para Nióbio, por favor.



Carbon Consumatum

João Marcos
Pinheiro Barros Pereira
Estudante do Coluni

Terceiro Lugar
Categoria Ensino Médio

C-O

Um oxigênio e um carbono
Me fervem até um leve sono
O Noire toma posse
Do suspiro tóxico no ar
Até voar no meu ócio
No meu último luar
Monóxido
A vida escapa de mim
Como uma doença quase curada
E quando não há nada a ouvir
Ele declama um poema

*“O que vale viver
quando até a morte te esquece?
Quem merece morrer
Sem nunca nem ter vivido?”*

Seu tom passa despercebido
Pela moça que move
Seus lábios invisíveis

*“Onde se viu um suicidado tão civilizado,
que deixa até suas vozes dizerem adeus?
Por mim, nos calávamos
e deixávamos o gás levar o rapaz até seus
pais, e pronto.”*

O velho se irrita e grita

*“Será que ninguém aqui é capaz de ficar
calado!?
Ele já está cansado de nós, deixem ele em
paz!”*

E cansado eu estava
Tragava sempre minha amargura
Uma dura luta com o impossível
O impenetrável

Me cercando como uma neblina
Agora estava em outra
E o cálice transbordou
Com um belo Bordeaux
De insanidade, morte alcalina

*“Até logo, amigo.
Nos leve contigo”*

Estavam todos contidos em mim
Eles me amavam muito
Mas era tarde demais
Ou será?

C-O

Um oxigênio e um carbono
Quid pro quo
Pro bono
Tu fui ego eris
A cada passo, disfarço
E a cada momento, isento
E a cada respiro, deliro
E a cada pedaço, desfaço
E a cada pressão, depressão
E a cada paixão, decepção
E a cada canção, regressão
E a cada corte, a morte
Ela me segue
E ela me entende
Não me cansa, não me prende
Que ela me pegue
Em breve
Não tem nada a mais
Nada a ver na minha frente
Tudo ficará para trás
Me traz de volta
A tudo que tenho
Esse vazio tão besta
Essa bosta
Esse parasita na minha mente
Eu te odeio tanto
Tanto
Não há recanto pra me esconder
Você sempre está aqui
Que ela me pegue
Em breve
Eu vivo nesse estado de sono leve
Que não serve pra nada
Nada mesmo
Cada passo é uma desgraça
Cada laço é uma farsa
Eu sou uma farsa
Quebrado e fardado de sorriso
Faça o que quiser
Mas não preciso

“Fingir”

Que você me ajuda
Nada me ajuda
E ninguém consegue nem tentar
Parece que dor é contagiosa
Não tenho mais algo a dizer, fazer
Ou inventar
O vazio sempre está aqui
Me esperando
Tropeçar

Agora ele é
Agora eu sou pó

C-O

Um oxigênio e um carbono
Eles me disseram que o espelho está quebrado
Eles me disseram que não importava quanto
Eu cresci, cresci minhas raízes
Profundo, profundamente dentro deles
Eles vão me mostrar em breve
O que eu perdi
Negligenciado
Escondido
Eu sei que eles me escondiam
Eles me mantinham cego
Cego como uma raposa
E quente
Tão quente
Mal percebi
Quão quebrado
O espelho
Realmente era
Não preciso olhar nada agora
Eles me guiam
Porque sou cego
Ou isso que eles dizem
Quem sabe quem é real?
Eles sabem
Eu não
Eu não?
Eu não
Ah não
É morno
O sonho
Eu me sinto
Morno
Por que parece que algo foi embora?
Por que não consigo ter ele de volta?
Por que tiveram que me deixar?
Por que eles não...
Acabou
Acorde
Acorde
Acorde
Antes que reste só...
Um oxigênio e um carbono

C-O

O AMOR É FLUIDO

Às vezes, quando nos concentramos demais no trabalho ou em uma conquista pessoal, nos esquecemos de nossa família, de nossos amigos e de **acreditar no amor**.

Depois de cinco anos trabalhando em um laboratório, você se esquece de sair, de almoçar com a família ou de encontrar alguém. Durante dez anos, minha maior preocupação eram os tubos de ensaio e os mais variados testes que realizava com meus colegas no trabalho, o que sempre foi **minha grande paixão**.

Foi em uma conversa naquele ambiente tão apaixonante que descobri, depois de tanto tempo, que **o amor existia** e que eu deveria correr atrás dele.

Com o jaleco e o cabelo crespo preso, coloquei uns óculos de proteção, fechei meu armário e segui em direção ao laboratório. Abrindo a porta, encontrei Gabriel, Pedro, Mauro e Vitor escorados na bancada, conversando. Cumprimentei todos com um bom-dia e eles responderam com animação.

Rafaela

Libanio de
Oliveira e Souza
Estudante da
CEDAF

MENÇÃO HONROSA

Categoria
Ensino Médio

- Do que tanto vocês conversam? - perguntei, curiosa.

- O Gabriel teve **um sonho esquisito** essa noite, Letícia - respondeu Pedro, provocando risos nos outros. - Sonhou que uma amostra de hélio "beijava" uma pequena quantidade de sódio.

- Como se eles pudessem ter alguma **ligação química** - disse, tentando fazer graça. Apenas Mauro riu.

- Vocês vivem nesse laboratório - comentou Mauro, coçando a barba com alguns fios brancos. - Precisam sair mais. **Há coisa muito mais importante na vida do que o trabalho**.

- Como fazer hélio e sódio se beijarem? - Gabriel comentou, nos fazendo rir.

- Como ter uma ligação química, mas não dessa química que vocês estão falando. Vocês não gostariam de chegar na minha idade sem ter alguém do lado, gostariam? - Sentou-se em um dos bancos perto da bancada e **sorriu**. - Minha mulher e meus filhos são meu porto seguro. Sem eles, não sei se teria chegado até aqui.

- Você tem razão. - Vitor afirmou. - Não ter com quem contar faz falta. - Ele parou um pouco, meio pensativo. - O que é o amor para vocês?

Um silêncio reinou por um bom tempo. Eu nunca parara para refletir sobre aquilo, e não saber de algo sempre me instigava a pesquisar. A diferença é que **o amor não é uma ciência exata**, e disso eu sabia.

Gabriel passou a mão em seu cabelo castanho preso em um pequeno rabo de cavalo e disse:

- Para mim, **o amor é como o hélio: evapora facilmente e é um privilégio para poucos**.

- Seu subconsciente provavelmente acredita que o sódio é um elemento privilegiado - Mauro apontou, fazendo todos rirem.

- Acho que **o amor é muito solitário**, como o hidrogênio - disse Pedro. - Afinal, a vida de solteiro é muito mais emocionante e cheia de amigos e mulheres.

Vitor e Gabriel deram leves tapas em sua nuca, brincando com o mais novo do laboratório.

- Acredito que não tenha melhor elemento químico para simbolizar o amor do que o **ouro** - constatou Mauro. - É sólido, dúctil, brilhante e precioso.

- Sábias palavras - enfim comentei.

O silêncio novamente invadiu a sala, ao passo que todos voltaram os olhares para mim e Vitor. Cutuquei-o com o cotovelo, incentivando-o a falar, já que eu não tinha nenhuma analogia em mente. Bagunçou seus cabelos negros e cacheados, corado, e fez sua metáfora:

- O amor é como o **mercúrio**. É um **sentimento fluido, prateado** e me lembra o deus Mercúrio, da mitologia, que é mensageiro. E acredito que o amor também tem a ver com isso, não é? Ele sempre nos **manda sinais**... - virou-se para mim e olhou profundamente em meus olhos. - Mas às vezes não sabemos interpretá-los. - O rapaz desviou o olhar. - Acho que precisamos começar a trabalhar.

Todos concordaram e foram para um canto diferente do amplo laboratório. Quando eu estava perto de um tubo de ensaio no fundo da sala, porém, Vitor me chamou.

- Você tem algum compromisso hoje à noite? Nós poderíamos jantar juntos, se você quiser.

Eu percebera **o sinal que o amor me deu** e aceitei o convite, feliz de que a fluidez daquele sentimento tão avassalador estava bem ao meu lado.



O ser e corpo no espaço

Ser humano

Ser fluido.
Antigo curioso.

[enigmático]

Se agarra à vontade,
A ânsia
Por saber.

E se dispersa:
Em tudo o que é.

Corpo humano

Por entre 90% hidro,
65 oxi,
32 nitro,
18,5 é carbono:

Perpassando, em conjunto,
Tudo o que já foi.

Água, fogo
Terra, ar: uno.





O espaço

A totalidade no meio do nada e o nada em sua totalidade.

Infinito desconhecido.

Em sua nobre extensão,
Abrija extensões finitas:
Corpos e pontos.
Estrelas por gás movidas.

Ilimitada possibilidade.

*B*uscar pelos constituintes (que tudo formam)

Baralho misterioso,
Trabalho árduo e penoso
É organizar todo seu corpo:

De cartas incompletas

Entrepostas, imiscíveis, perdidas.
Faltam respostas.

Ainda assim,
Classifica

Ana de Oliveira Lobato

Estudante da CEDAF
MENÇÃO HONROSA
Categoria Ensino Médio

Curto Infinito

**Luciana
Coelho
Marques**

Estudante do COLUNI
MENÇÃO HONROSA
Categoria Ensino Médio

Entre um pensamento e outro, reparo que o trem está diminuindo sua velocidade e concentro toda a minha atenção nisso. Será que havíamos chegado a Prypiat? Como se respondendo às minhas perguntas mentais, alguém ordena, lá do fundo, que desçamos rápido. O trem não poderia ficar muito tempo parado na plataforma de desembarque de Prypiat. Então, é isso: eu finalmente cheguei à cidade construída para os operários da Usina Nuclear de Chernobyl — e estava prestes a me tornar um deles. Sinto-me lisonjeado por ser o primeiro da família a trabalhar no ramo energético, sobretudo em 1986, época da chegada de muitos avanços.

Apertando meu cordão de cobre contra o peito, crío coragem para pegar as minhas malas e descer do trem.

Ainda meio tonto por causa da longa viagem, não percebo que a plataforma de ferro possui degraus de diferentes alturas e acabo tropeçando em um deles. Por causa disso, escuto falas como “Andrei, sua inteligência ficou no trem?” e “Sabia que você não enxergava bem sem os óculos”, além de muitas risadas. Faço o máximo de esforço possível para não me irritar com essas provocações e procuro apenas seguir o comandante militar à minha frente, responsável por nos levar às nossas novas casas. Quando já estou quase desistindo do trajeto, devido aos meus pés calejados de tanto andar, ele anuncia a chegada. Estamos parados em frente a um prédio acinzentado, sem muito luxo e próximo a um parque de diversões que, a julgar pela ínfima quantidade de pessoas, ainda não foi inaugurado. Há pessoas, na minha antiga cidade, que diriam que o prédio combina com a minha personalidade: desinteressante, comum. Decido parar de observar o meu entorno e de refletir sobre mim mesmo para subir as escadas, seguindo os outros. Minha casa fica ao final de um corredor, com vistas para o gramado.

Quando estávamos no trem, fomos avisados de que teríamos

uma recepção de boas-vindas. Sem saber como conter a minha ansiedade, decido jantar e tomar banho. Às 19 horas em ponto já estou no salão principal, que fica a uma quadra de onde estou morando. Depois de muita música, petiscos e bebidas, o contratante da Usina, Bóris Popov, decide começar seu monólogo. Ele nos alerta sobre o início do nosso turno, faz recomendações acerca do cinema, do parque e dos ginásios poliesportivos — infraestruturas presentes na cidade e que, segundo ele, não podemos perder a chance de conhecer.

Seguindo as ordens de Bóris, todos vamos à pista de dança, localizada entre duas colunas, cuja matéria-prima foi o carbonato de cálcio. Fascinante! A partir daí, finalmente crio coragem para interagir com os demais jovens que vieram comigo no trem. Começamos a conversar sobre nossas faculdades, nossas condições financeiras, nossos anseios e, com isso, pude concluir que sou o mais novo e inexperiente entre todos eles.

Nesse meio tempo, um grupo de moças se aproxima e começa a participar da nossa conversa. Elas contam que vieram para cá porque o número de crianças estava crescendo exponencialmente e não havia professores suficientes. Por conta disso, elas decidiram se inscrever no programa de ensino público e se mudaram para Prypiat há dois anos. Encontrava-me tão centrado na história que demoro a reparar o olhar que uma delas lançava em minha direção. Esse olhar é típico de pessoas emocionalmente intensas, o que me chama a atenção. Intrigado pelo ato da donzela com lindos cabelos ruivos, decido retribuir o olhar na mesma profundidade. Entretanto, seus olhos verdes desafiadores me vencem, e eu desvio o olhar calmamente. Surpreso pela química infalível do corpo humano, que já me faz suar, arrepiar e sentir calor, penso se devo ou não chamá-la para conversar em um lugar mais reservado.

Como se compartilhando os mesmos pensamentos, ela se aproxima e se

apresenta como Rayssa Petrova. Seu tom de voz, grave e seco, concretiza a minha primeira impressão: ela é intensa até no ato de falar. Timidamente, tudo o que eu consegui dizer foi: “Prazer Rayssa, meu nome é Andrei Ivanov”. Sem nem reparar, já me encontro com a cabeça abaixada de vergonha. Ao contrário do que Rayssa aparente ser, eu não sou uma pessoa muito espontânea. Para a minha surpresa, ela não desistiu e introduziu vários assuntos: falamos sobre a minha família, minha viagem até Prypiat, minhas expectativas para o novo emprego. Em contrapartida, ela contou sobre a triste história de falecimento do seu pai devido ao câncer de tireoide. Como de costume, entristeço-me ao pensar na morte, mesmo que de um desconhecido. Será mesmo que o nosso fim precisa ser assim?

Infelizmente, a festa estava terminando. Ofereci-me para levar Rayssa em casa com a desculpa de que isso me faria conhecer mais a cidade. Ela aceitou com um breve sorriso. Então nos despedimos dos nossos conhecidos e fomos em direção à casa da Rayssa sob a luz do luar, muito evidente na escuridão predominante. Durante o caminho, não pude deixar de reparar na leveza de Rayssa ao

andar. É como se ela não precisasse tocar o chão.

Ao chegarmos à porta do prédio, Rayssa revelou que naquela noite era seu aniversário de 23 anos. Com as melhores palavras retiradas da minha mente pelo momento de surpresa, eu só consegui desejar parabéns com curtas felicitações. Mais uma vez fui surpreendido por aquela menina intrigante, que se colocou na ponta dos pés e se despediu de mim com um caloroso beijo, correndo pelas escadas logo em seguida. Seus lábios tinham gosto de vodka e poeira. Eu fiquei ali, na porta do prédio. Atônito. Quando enfim decido ir embora, percebo que Rayssa deixou um broche cair no chão. Ao me abaixar para pegá-lo, noto que é um broche de prata em formato de uma ave. Seria um presente do pai? O que o símbolo significa para ela?

Definitivamente eu não seria capaz de responder nada sobre aquela moça tão fascinante e imprevisível, motivo pelo qual eu simplesmente retiro o acessório do chão e sigo em direção ao meu prédio. Antes de deitar-me, coloco o broche perto da mesinha de cabeceira, a fim de me lembrar de devolvê-lo assim que fosse à Usina. Era estranho pensar que eu finalmente começaria a trabalhar

em uma usina nuclear. Uma mistura de sensações formou-se em mim e, naquela hora, pude ter a certeza de que passaria a noite em claro revivendo cada momento daquele dia cheio de emoções, materializado pelo pedacinho de prata que estava ao meu lado. Penso na Rayssa dormindo. Suas feições, tão delicadas e bem contornadas, devem estar tranquilas, serenas. A forma que sua aparência condiz com a sua personalidade é admirável. Sinto um aconchego maravilhoso. Quero ter a chance de ver tal cena pessoalmente.

Acordo subitamente com o som do despertador. Acredito ter dormido no meio de uma reflexão acerca da imprevisibilidade da vida, angustiado por aquilo que acometeu o pai da Rayssa. Por um súbito impulso, eu me levanto, tomo o meu chá de gengibre rotineiro e entro no banho. Como de costume, a água quente me ajuda a ordenar os meus pensamentos acerca do dia que está para começar: passar na escola na qual Rayssa trabalha para devolver o broche, seguir a pé para a usina, almoçar, voltar

estranho incômodo no peito. Por que não segui meu coração?

para a usina e ir para casa ao fim do dia. Gosto da forma como o meu dia parece ser perfeitamente planejado.

Acabo o banho após essa conclusão, visto o uniforme concedido pela empresa e saio de casa às 6 horas em ponto para enfrentar os três quilômetros que estão à minha frente. Depois de um tempo caminhando e observando todos, deparo-me com a escola. Respirando fundo antes de entrar, retiro o broche do bolso e dirijo-me à secretária, que estava distraidamente passando os dedos no contorno de ouro da sua xícara de porcelana. Ao notar minha aproximação, ela sorri e pergunta o que eu preciso. Tento explicar de forma breve, mas acabo me enrolando e, vendo a minha dificuldade em organizar as palavras, ela logo diz que Rayssa não estava, pois só iria trabalhar no segundo turno. Agradeço gentilmente a secretária e deixei o broche ao lado de sua caneta tinteiro com ponta de ósmio, pedindo-a para devolver à Rayssa assim que ela chegasse. Ela assentiu, e eu saí dali com um

Ao chegar à usina, notei que já estavam todos lá. O engenheiro-chefe tinha começado sua exposição de boas-vindas e já estava falando sobre o nosso roteiro do dia: seríamos divididos em quatro equipes, uma equipe para cada reator. O sorteio foi feito e eu fui destinado para a quarta equipe, isto é, para aprender sobre o quarto reator nuclear de Chernobyl.

Para iniciar sua fala, nosso guia começou a nos perguntar o que era um reator RBMK, e o grupo inteiro manteve-se calado: “De maneira geral, esse tipo de reator é mais barato para ser instalado, o que permite uma instalação em série e, conseqüentemente, os lucros obtidos com a produção de energia são maiores. Além disso, eles também produzem plutônio, um dos subprodutos da operação de reatores comuns”, diz Vladimir Morozov. Até então eu possuía conhecimento sobre o que foi exposto, por isso apenas assenti com a cabeça, como que lhe dando a permissão para continuar. Lendo meu pensamento, Vladimir continuou:

Como vocês sabem, a água deuterada, isto é, a água

que possui deutério no lugar do hidrogênio, é utilizada em reatores com a finalidade de absorver o calor e os nêutrons provenientes do decaimento do urânio de forma mais eficiente que a água comum. Entretanto, o que poucos sabem é que esse processo, se não planejado adequadamente, é extremamente perigoso, motivo pelo qual os moderadores se tornam necessários. Esses moderadores, constituídos por grafite, um dos alótropos do carbono, realizam a função de desacelerar os nêutrons emitidos pelo urânio, tornando mais eficiente o processo de fissão nuclear.

Foi como se os meus questionamentos finalmente tivessem sido respondidos. No contexto de Guerra Fria, usar reatores RBMK não só aumentaria a produção de energia, como também aumentaria o potencial bélico da nossa União Soviética. Afinal, tendo o plutônio como um dos subprodutos desses reatores em mãos e a extração em massa de chumbo e enxofre, diversas outras armas poderiam ser produzidas. Minha cabeça começa a latejar com todas essas informações.

Automaticamente, começo a revisar todo o meu conhecimento sobre produção energética nuclear e, lá no fundo, sei que algo, no

sistema descrito por Vladimir, não está certo. Continuo prestando atenção em sua fala, mas a sensação de que alguma coisa não está sendo contada permanece em mim. Ao sermos liberados para o almoço, meu pensamento se encaixou: o problema estava na incapacidade moderadora das hastes de grafite. Ao utilizar as hastes como moderador, cria-se o coeficiente de vazão positivo, já que o grafite não tem a mesma capacidade de absorver e moderar os nêutrons emitidos pela fissão de urânio que a água possui. Com isso, há produção de mais vapor e redução da quantidade de água disponível para regular o sistema, resultando em um aumento da reatividade e da temperatura do reator. A partir disso, o risco de explosão torna-se possível. Contudo, não sei quanto à letalidade dessa possível explosão. A tensão me consome.

Como se minhas preocupações já não fossem suficientes, ainda pensei na Rayssa. Será que ela sabe disso? Morando e dando aulas a uma proximidade tão grande da Usina, ela com

certeza seria bastante afetada física e biologicamente. A partir desse pensamento, decido que vou até Rayssa novamente. Preciso saber o que ela acha, conhecer suas opiniões mais a fundo e, assim, saber se isso é um exagero meu ou é de fato motivo para estar preocupado.

Agora, com muito mais receio que antes, dirijo-me novamente a Chernobyl. Ao passar pela porta principal, noto que o clima lá está diferente. O engenheiro-chefe reúne um membro de cada equipe e despacha o resto. Levando-nos a uma sala mais reservada, ele diz tratar-se de um assunto sério. De ouvidos atentos e coração na mão, ouço o executivo-chefe dizer que teríamos de fazer um turno extra nessa madrugada. Sem nos dar muitos detalhes, ele explica que o reator 4 passará por um teste para descobrir o que aconteceria com ele caso houvesse uma queda da energia elétrica. Devo me preocupar?

Com o pensamento turbulento, saio da

usina e vou à escola novamente. Para a minha sorte, Rayssa estava lá.

Por sugestão dela, nós fomos para um jardim reservado atrás da escola. De forma breve, eu explico sobre a minha recente descoberta acerca do risco de explosão e conto sobre o teste do reator 4. Rayssa não teve palavras, apenas me abraçou forte, segurou meu rosto com as suas mãos trêmulas e beijou meus lábios secos. E, logo em seguida, me abraçou, oferecendo-me a eloquente oportunidade de sentir seu cheiro. Sem precisar falar nada, eu sabia que tínhamos resolvido passar o tempo assim até o horário do meu retorno a Chernobyl. A hora chegou e, com um aperto gigante no coração, eu e Rayssa nos despedimos com a promessa de nos vermos em breve, ao nascer do sol. Não sei ainda por qual motivo, eu tiro meu cordão de cobre e o penduro no pescoço dela, que sorri com os olhos lacrimejando. Quero vê-la o mais rápido possível, certo de que ela causa, em mim, reações químicas características do amor.

Sigo meu caminho prestando atenção no cheiro da Rayssa na minha roupa, nas reações causadas por ela em meu corpo. Chego a Chernobyl um pouco depois de meia-noite. Dirijo-me à sala de controle, mas o teste já havia começado. A jul-

gar pelo nível de redução da capacidade do reator, o teste teria começado à tarde, durante o nosso tour, e ninguém nos havia comunicado. A capacidade do reator já estava abaixo da metade, e o processo de envenenamento do reator já se encontrava em andamento. Ou seja, o xenônio-135, um dos vários produtos do decaimento radioativo do urânio, também responsável pela absorção de nêutrons, começava a se acumular, o que gera a diminuição da potência do reator mesmo sem a ação dos operadores manuais.

Ao tentar entender mais sobre o que está acontecendo ali, percebo que a potência do reator já está quase ausente quando os operadores decidem retirar as hastes de grafite para promover o aumento da potência. Sem água para resfriar o núcleo, o vapor d'água se acumula, e as hastes na tampa do reator levantam-se de forma abrupta. Sem mais controle sobre a situação, o engenheiro-chefe aperta o botão de emergência, as hastes travam e a primeira explosão ocorre. Segundos depois, com o núcleo de urânio exposto, as hastes de grafite entram em combustão por causa do contato com o oxigênio, e o gás hidrogênio começa a ser formado devido à reação do oxigênio

com a água e o metal dos tubos. Uma segunda explosão ocorre. Sei que os poucos extintores de incêndio com bismuto não darão conta — e estremeço de tanto medo. Rayssa. Quero vê-la ao nascer do sol...

As grossas paredes de zircônio e concreto que revestem a sala de controle já não são suficientes para conter o fogo e os gases que foram produzidos. Meus pulmões ardem, meus olhos lacrimejam, começo a tossir sangue e desisto de lutar. Percebo que é o fim do meu curto infinito com Rayssa. Mais uma vez a imprevisibilidade da vida mudou os rumos dos meus sonhos: já nem posso sonhar. Não queria me despedir dela tão cedo, assim como o seu pai o fez, mas é o que está prestes a acontecer. Espero que Rayssa continue sendo feliz e admirável, e que carregue meu pequeno pedacinho de cobre junto com o seu pedacinho de prata para sempre. **Relembro, pela última vez, o seu sorriso.**

Até mais, Rayssa...





CORAÇÃO NOBRE
JÚLIA MAYRINK FERREIRA



GRADUANDA EM BIOQUÍMICA

**PRIMEIRO LUGAR
CATEGORIA ENSINO SUPERIOR**

Era um fim de tarde como tantos outros no Reino. Príncipe Argônio estava afundado em sua poltrona, enquanto na TV *O periódico* anunciava as manchetes do dia:

Estrondos noturnos atemorizam moradores da zona costeira. Polícia desconfia se tratar de escape de gases.

Oxigênios baderneiros ateiaram fogo em Parque Nacional. Ambientalistas calculam que as perdas devem suplantar ...

O príncipe suspirou. Já soubera dos detalhes do incêndio, e o sensacionalismo sutil daquelas notícias o deixava cansado. Mudou os canais da TV, procurando o que ele realmente queria saber: o placar do último jogo da Liga Inoxidável! Lá estava! E *Os Cromos* estavam ganhando, como ele previra! Se vencessem os *Ferroada* no próximo jogo, estariam classificados para a final contra os *Níqueis*. E isso significava que ele vencera a aposta que fizera com seu pai. Com um ar triunfante, anotou esse fato entre os assuntos de alta relevância sobre os quais falaria com o rei Neônio mais tarde, na audiência daquele dia. Raramente tratavam de assuntos diversos ao governo do Reino, e aqueles pequenos momentos de descontração em torno de um placar de jogo lhes permitiam ser pai e filho simplesmente.

Argônio sabia que o Reino exigia muito de seu pai naquele momento (e

ele próprio começava a sentir o peso do cargo que assumiria futuramente) e tentava ser compreensivo com sua ausência. O governo fluoroantimônico deixara a população desgastada e a economia, corroída por uma série de escândalos políticos. O Rei Neônio, assim como seu avô, Dom Hélio, levava a cabo a dura tarefa de recuperação da nação. Era dotado de uma firmeza e uma capacidade admirável para resolver conflitos de toda espécie. Manter uma política estável era um grande desafio, mas era precisamente o que esperavam de sua família. Sem necessidade de ligações, menor a chance de se deixarem levar por favores pessoais e transações desonestas. *Valência completa, procedência reta* é o que o seu pai costuma dizer.

O príncipe compreendia a gravidade de tudo aquilo. Compreendia o esforço que deveria empenhar para manter a honra de sua casa, para governar com justiça. Mas vez ou outra pensava nas renúncias que se via obrigado a fazer para esses fins. Não tivera a mesma liberdade das outras crianças e nunca poderia, como qualquer jovem, dividir um elétron com alguém...

Sacudiu ligeiramente a cabeça, com o intuito de despistar aqueles pensamentos. Voltou-se novamente para a TV ligada, que mostrava agora a reunião do fórum econômico nacional. O príncipe assistiu por alguns minutos, enquanto sódios, potássios e lítios passavam de braços dados com hidroxilas, com ar imponente. Humpf! Hidróxidos! Por

mais que fossem as bases econômicas mais fortes do Reino, o príncipe achava que eles eram um pouquinho exibidos.

Decidiu que seria melhor desligar a TV e se preparar para a audiência. Saiu de seu escritório e foi surpreendido pela música alta no corredor.

*Querida, por muito tempo eu estive
Perdido em meus próprios orbitais
Um metal reduzido
Gastava meus dias em transições
banais
Ooooo.... Oooooooo*

Ele sorriu. Apenas uma pessoa no palácio seria capaz de escutar *Os Sulfatos* daquela forma insana. Ele bateu na porta do quarto de seu irmão mais novo.

*Esse seu sorriso ateou fogo
Em meu coração
Me perdi na sua eletrosfera
Inerte, sem reação*

– Ei, Crip! – ele bateu mais forte.

– Cara, escuta esse som! – Um menino de cabelos muito bagunçados colocou a cabecinha para fora do quarto, e os acordes do refrão do último lançamento da banda vieram ainda mais altos.

*Querida, você me deixou oxidado
Oooooooo... Oooooooo...
Eu me rendo, sou um átomo ligado
Oooo...ooooooo
Eu deixo tudo para viver
cada meia vida com você*

Argônio olhou por um instante aqueles olhinhos vidrados, em um momento de felicidade genuína, e decidiu não repreendê-lo pela falta de modos. Ele podia ser o futuro príncipe, mas também era um garoto como qualquer outro de sua idade.

– Só abaixe o volume, está bem? – O príncipezinho sacudiu a cabeça em afirmativa. Ou estava apenas acompanhando os acordes. Argônio preferiu ficar com a primeira opção e virou-se, com um sorriso, na direção da Sala de Reuniões.

No caminho, pegou-se cantarolando alguns versos daquela música. Também ela falava de algo que ele não conheceria, mas esses pensamentos já não lhe causavam tanta melancolia. Não podia ficar se lamentando por aquilo que não poderia viver. O que cabia a ele, só ele e mais ninguém em seu lugar poderia fazer. E não faria mal escapar de vez em quando para conferir os lançamentos de *Os Sulfatos* com Crip. Ou fazer mais apostas sobre os próximos jogos da Liga. Ele estava ficando realmente bom naquelas previsões.

Virou à esquerda no corredor, revisando rapidamente os relatórios que tinha em mãos. Era um fim de tarde como outro qualquer no Reino. Mas, quando o príncipe entrou no Salão de Reuniões, tinha um porte altivo e um olhar determinado. Qualquer um que o visse naquele momento não duvidaria de que era verdadeiramente um nobre.



as estrelas e os elementos:
SOBRE LAÇOS E NÓS NO UNIVERSO

MARRIETE GONÇALVES SIMÕES
MESTRANDO EM QUÍMICA (PROFQUI)

SEGUNDO LUGAR
CATEGORIA ENSINO SUPERIOR

Universo incógnito, acelerada expansão escura
No brilho das galáxias, cintila insciência... Mas desmedido entanto!
Nos primeiros passos, a criança ciência caminha e tropeça, pura
Na imensidão onde tudo é nada e o nada é tanto...

Matéria escura, na gravidade das galáxias se prova
E a negra energia envolta pelo nosso humil não saber...
Hidrogênio, hélio, neutrinos no mecanismo das estrelas
Fazem do novo o velho e do velho o renascer!

Nesse escuro hegemônico, pequeno é o grão conhecido
E dessa matéria tão ínfima concebidos somos
Foi-se a ideia do geocentrismo, do ego-centrismo,
Vide nossa insignificância, na beleza do mínimo do qual dispomos!

Outrora pequenos pontos brilhavam no céu da noite norte-americana
Fluoresciam os olhos de Payne e toda aquela distância se comprimia
A mulher, a pesquisa, a coragem cujo "não" de Russel não engana
Um berçário naqueles olhos pioneiros, onde a vida estelar se apresentaria...

Distância intergaláctica reduzida pelo questionamento e desassossego
Espectros e linhas dos elementos e estrelas: eram sua identidade!
Nas linhas escuras, coroa solar de eclipse, o Deus Hélio grego
Descoberto no céu antes de ser encontrado na terra, que divindade!

Estrelas embrionárias principiam seu espetáculo em nebulosas
Para uma vida de glamour, energia e fusão que se renova
Trava-se o combate entre a gravidade e a pressão, disputa intensa e impiedosa!
Na despedida inevitável, poeira perdida ou explosão da supernova...

Em seus núcleos, hidrogênios primordiais dançam juntos formando hélio
Em estrelas como o nosso astro rei, surpreendentemente até... pequeno!
Uni-vos, átomos, uni-vos versos, e segue soberana a canção do universo
Para a valsa dos átomos hélios, a música prometida do fim sereno...

Esgotado o fornimento, a exígua se agigantar \acute{a} em rubra estrela poderosa
Conquistando o sistema solar, denso n \acute{u} cleo, na nebulosa balla a poeira anci \tilde{a}
Momento angular se conserva, e adeus vida que mantivera na terra vigorosa!
Finda-se o n \acute{u} cleo em carbono e oxig \tilde{e} nio na compacta, pequenina e branca an \tilde{a} ...

As pequeninas \acute{a} steres s \tilde{a} o destinadas \grave{a} senectude
E as maiores, gigantes vermelhas que irrompem ou implodem
Nesse cosmos enigm \acute{a} tico, um ecr \tilde{a} onde tudo \acute{e} virtude
Cada estrela contribui ao universo cedendo sua vida como pode...


Massivas estrelas, produ \tilde{c} o \tilde{a} \acute{e} \acute{a} rdua, laboriosa e intensa
Cadeias CNO e elementos, at \acute{e} o ferro, tornam sua vida abreviada,
Mas eternidade existe enquanto pulsa, e a vermelha soberana imensa
Far \acute{a} da supernova o palco do espet \acute{a} culo, a vida terminada!

Ber \acute{i} lio, l \acute{i} tio e boro lutam pela sobreviv \tilde{e} ncia contando com o acaso,
Nascem na espala \tilde{c} o \tilde{a} , atrav \acute{e} s de colis \tilde{e} o \tilde{e} s nesse meio interestelar
E alguns elementos al \acute{e} m do ferro, na energia, no extravaso
Na intensidade energ \acute{e} tica da poeira c \acute{o} s mica podem se engendrar.

O l \acute{i} tio, na estrela a jovialidade: quanto menos h \acute{a} , menos tempo resta
Enquanto carbono, nitrog \tilde{e} nio e oxig \tilde{e} nio lutam pelos pr \acute{o} t \acute{o} ns, pela captura
E aquela imensa massa estelar, densa e encolhida agora se manifesta
Quando parte de si \acute{e} transmutada em energia, de import \acute{a} ncia que n \tilde{a} o se mensura

Nas explos \tilde{e} o \tilde{e} s inestim \acute{a} veis, pesados elementos t \tilde{e} m sua forma \tilde{c} o \tilde{a} nuclear
Em um mar de n \tilde{e} utrons livres... Ora, o nosso mar, t \tilde{a} o pequeno diante de tudo!
Esque \tilde{c} amos as escalas terrenas, ao infinito n \tilde{a} o cabe \grave{a} humanidade dominar
Apenas o assombro pelo perfeito mecanismo e o fasc \acute{i} nio boquiaberto mudo!

Supermassivas estrelas, vida curta e intrigante: para n \acute{o} s, ainda uma vida gigante!
Esgota-se o combust \acute{i} vel, e sobre o n \acute{u} cleo toda a massa se joga violenta
Da intensa densidade surge o negro buraco que a tudo devora, dominante
E, pelos seus raios X, em discos magn \acute{i} ficos, poderoso se apresenta...



Ah, poeira estelar, que conta histórias de massa e evolução
Nas grandes explosões, as capturas de nêutron, deriva o bismuto
A milhares de anos luz nasce, vive e morre nessa cósmica comunhão
Que seria para elas nossa vida? E nossas horas e nossos minutos?

O que somos, de onde viemos? Das estrelas, de toda a imensidão!
Seguimos humildes o ciclo de componentes estelares, tão pequenos
Hoje viventes na terra, outrora brilhando em intenso clarão
Das estrelas viemos, às estrelas voltaremos!

O novo através da vida, renova-se tudo também na morte
Seguimos como estrelas, buscando equilíbrio, harmonia e estabilidade...
Ínfimos no universo, unimos versos, unidos vemos, unidos vencemos
Iluminados pelo divino, na busca pelo saber e pela felicidade!

Quando Leucipo caminhava para sua casa, após longo dia de trabalho, viu-se pensando em uma forma de explicar ao amigo Demócrito o que havia ocorrido com o objeto que pegara emprestado e que agora se apresentava em pedaços. Buscava um jeito sutil de dizer que tudo se transforma e que a natureza apenas seguira seu caminho.

Noutro dia, já em frente ao amigo, explicou-se:

– Caro amigo, não por falta de zelo, mas por um descuido rápido, uma fratura irreparável despedaçou seu querido objeto. Por vezes peguei-me aflito pensando de que forma lhe diria o ocorrido e chego à seguinte conclusão: as forças que seguravam as partes juntas se cansaram, o que as ligava esvaiu-se e o que restou foram resquícios do que um dia foi uma força una, que sutilmente ligava pequenos pontos em uma estrutura maior e que formava seu querido objeto.

Demócrito, homem sábio e pensativo, recebeu a notícia sem esboçar reação, e, quando o amigo terminou de se explicar, permaneceu inerte e reflexivo. Imaginou que o amigo teria inventado uma retórica esdrúxula apenas para tirar-lhe a atenção do lamentável fato ocorrido. Moveu-se então, sentou-se em uma cadeira, esforçou-se debalde para ajeitar o chapéu que lhe apertava a cabeça e coçou o queixo cabeludo. As bochechas cavadas e o olhar fixo em uma pequena rachadura da parede davam-lhe um ar introspectivo e sério. Enquanto fazia tudo isso não pensava mais no objeto; a ideia lançada pelo amigo havia lhe pegado pelo calcanhar e tomado conta dos pensamentos. Nem se importava mais com o objeto quebrado, e, já bastante intrigado com a epistemologia apresentada pelo amigo, indagou:

– Pequenos pontos formando uma estrutura maior? Não me parece uma ideia ruim, caro amigo. Assim como no tricô que, ponto a ponto, forma o agasalho para proteger-nos do frio, supões que possa disso tirar uma máxima que estructure nossos objetos físicos?

– Suponho que sim – respondeu Leucipo.

– E como hão de se chamar esses pequenos pontos que descreves? – perguntou Demócrito.

BRUMADO POR OUTROS

**Hiago Fernandes
de Souza**

Graduando em Engenharia Ambiental

Menção honrosa

Categoria Ensino Superior

No silêncio daquela tarde,
amena, pacata e servil,
pássaros se ouviam cantar dos Vales.
A ferramenta do operário cintilou
extirpando dos rincões da rocha mineral
a matéria fulcral do desenvolvimento humano:
ferro, férrico, metálico,
odioso.

O solo daquele lugar,
alheado, transmudado e esquecido,
como um tapete persa deixado ao acaso,
por muito tempo sujo e pisado;
restos indesejáveis logo foram varridos
para debaixo,
gerando formas obtusas.

Os rios de lá tinham a virtude de crescer Vida.
Sendo ele doce, salgado ou Francisco,
levavam consigo o sopro da fauna e flora.
Porém os rios sempre defluem,
e acima havendo sujeira,
muita estupidez estocada,
fez o que antes vertia esperança
trazer consigo
o cromo,
o cobre
e o choro.



PEC
PRÓ-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA

DEX
DIVISÃO DE EXTENSÃO



**CENTRO DE
CIÊNCIAS EXATAS
E TECNOLÓGICAS**

UFV
Universidade Federal
de Viçosa